

# O pintor da técnica e das sensações

*A obra de Giorgio Morandi, artista que valorizava mais a linguagem do que o tema de suas pinturas, ficou marcada pelas naturezas-mortas mais vívidas da história da arte*

Por Camila Mendonça

**N**o quarto de uma casa simples, na pacata cidade de Bolonha do início do século XX, um homem pintava imagens de vasos, garrafas e jarras. Apesar de representarem itens em princípio irrelevantes, os quadros de Giorgio Morandi revelavam traços que marcariam a história da arte italiana.

“Para Morandi, o problema da pintura moderna não era o tema, mas a linguagem”, afirma Luciano Migliaccio, doutor em História Medieval e Moderna e professor de História da Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. De acordo com Migliaccio, para o pintor bolonhês não importava o que estava sendo pintado – se

vasos, plantas, cenas ou retratos –, mas como esses elementos eram colocados na tela, ou seja, como as técnicas eram usadas em cada traço.

A natureza-morta está presente em grande parte das obras que Morandi produziu entre 1911 e 1964. Antes de descobri-la, porém, o artista havia pintado paisagens. Grande parte dessa produção nascente teria sido destruída por ele mesmo – atitude normal, parte do processo de criação de muitos artistas que não gostam do que veem na tela. Morandi foi também gravurista. Mas mesmo nessas obras, seus vasos e copos estavam presentes.

Na tela, o que diferencia a natureza-morta de Morandi da de outros artistas é o diálogo mantido com os objetos. Por meio dessa “conversa”, o artista conseguia passar para o quadro algo além da representação pura e simples. Para ele, era preciso enxergar esses objetos além das curvas simples, explorando-lhes não as medidas precisas, mas as sensações que eles nos passam quando estão cheios, vazios, translúcidos, opacos, transparentes. “Um grande pintor de natureza-morta holandês do século XVII (auge desse gênero de pintura) busca a reprodução exata daquele objeto, um fingimento da realidade. Morandi, não”, analisa Migliaccio.



**Natura morta, 1956**  
Museo Morandi - Bolonha



**Sem título, 1931**  
Divulgação MAC USP

Nesse sentido, Morandi se opunha à representação de formas facilmente reconhecíveis, buscando na interação entre a materialidade e a subjetividade o mobilizador das suas emoções. Para ele, sem essa interação, sem esse diálogo – que é uma observação incansável e atenta desses objetos –, não havia como explorar as sensações.

### Técnica peculiar

Para ser considerado um dos principais pintores italianos da história, Morandi seguiu uma trajetória peculiar. Em contraste com a origem de muitos artistas, sua infância não foi difícil e sua família não impôs obstáculos para que ele se dedicasse à arte. Também contrariando o caminho de tantos pares, o bolonhês conseguiu reconhecimento e fama ainda em vida.

Nascido em 1890, Morandi viveu longamente com os pais e as três irmãs. Aos 17 anos, entrou para a Academia de Belas Artes de Bolonha, onde estudou até 1913. Foi nela que o artista aprendeu as técnicas consagradas pela tradição, exercitou o olhar e conheceu alguns pintores que o influenciariam mais tarde.

Com efeito, influências não faltaram ao artista bolonhês: Giotto, Uccello, Caravaggio, Picasso,

Braque e, principalmente, Cézanne encantaram Morandi. Ainda na Academia, o artista pôde admirar-lhes as obras e visitar as bienais que ocorriam na Itália. Em 1911, viu, pela primeira vez, uma obra original de Monet, na Exposição Internacional de Roma.

As pinceladas do artista começaram a mudar quando, em 1913, ele assistiu a uma reunião do Sarau Futurista, movimento vanguardista que, prezando temas como a velocidade e certos abstracionismos, identifica como seu fundador o poeta Filippo Marinetti, autor do *Manifesto Futurista*, publicado em 1909. Mais tarde, na primeira exposição da pintura futurista, realizada em 1914, em Florença, Morandi conheceu Carlo Carrà – que definitivamente mudaria o olhar do artista.

Carrà, ao lado de Giorgio de Chirico, lançou as bases do Movimento Metafísico, que, embora tivesse orientado Morandi de volta ao passado, o fez tão moderno quanto o são aqueles que pintaram sob a égide do Futurismo. Enquanto o Futurismo rejeitava os padrões estéticos oitocentistas em busca de uma estética que valorizava a aceleração do tempo, o Movimento Metafísico negava todas as soluções formais de vanguarda. Migliaccio explica que a leitura mais comum que se faz da arte metafísica é a de uma pintura onírica, que antecipa em certa medida o Surrealismo.

Morandi teve uma participação muito breve na corrente artística liderada por Carrà. “Ele nunca tomou uma posição no sentido de apoiar abertamente os ideais”, afirma o professor. De Chirico também foi fundador e promotor de uma revista chamada *Valori Plastici*, publicação que, segundo Migliaccio, postulava a reinterpretação do significado técnico da pintura. De certa forma, a obra de Morandi alia a visão metafísica do objeto a essa reinterpretação da técnica.

No ambiente acadêmico, essa mudança de percepção causou problemas para o pintor. Morandi chegou a discutir com os professores, que, na visão do artista, eram tradicionais demais

e um tanto retrógrados. Na revista *L'Assalto*, para a qual escreveu uma pequena autobiografia, em 1928, Morandi expressa claramente essa aversão. “Aprendi muito pouco do que realmente é necessário para a minha arte.” O artista sentia a necessidade de renovação, mas ao mesmo tempo não queria abandonar as raízes técnicas da pintura, a essência, para ele, de seu trabalho.

Morandi busca um diálogo aberto, nu, e demonstra isso apenas com a sensação visual. Para tanto, o artista tem na cor, na luz, na superfície e no espaço seus principais elementos. “Ele não quer falar de política, de literatura, de psicologia, ele quer falar da pintura e a única língua da pintura é a cor”, observa Migliaccio. Ao que tudo indica, foi essa “conversa” entre os quatro cantos do quadro que fez de Morandi um dos principais pintores da Itália.

### Uma vida discreta por trás da tela

Bem antes de seu ingresso na Academia, e do reconhecimento universal de suas obras, Morandi foi uma criança comum, com a diferença de ter sido movido, desde cedo, pelo amor à arte, como ele mesmo disse para a revista *L'Assalto*: “Minha grande paixão pela pintura surgiu quando eu ainda era um menino, uma paixão que, com o passar dos anos, tornou-se ainda mais forte, e que me fez sentir a necessidade de me dedicar a ela inteiramente.”



**Fiori, 1950**  
Museo Morandi - Bolonha

De sua vida pessoal, porém, pouco se sabe. Serviu pela Itália na Primeira Guerra Mundial, mas voltou logo por ter se ferido. O artista também sentiu os efeitos da Segunda Guerra e foi obrigado a deixar Bolonha, em 1943, e a se refugiar na casa de verão da família, em Grizzana, nos Apeninos, onde ficou até julho de 1944. Nesse período, dedicou seu tempo a pintar paisagens.



**Natura morta, 1958**  
Museo Morandi - Bolonha

De 1914 a 1930, o artista passou a dar aulas no ensino primário de Bolonha e, de 1930 a 1956, a lecionar técnicas de gravura na Academia de Artes da mesma cidade. Morandi sempre foi um homem reservado e, ao menos aparentemente, arredio a tudo o que lhe era externo. As mudanças políticas e sociais da Itália, como a chegada de Mussolini ao poder em 1922, ganharam em sua pintura representações simbólicas, seja pela variação dos tons ou pela gradação da luz. Essas nuances poderiam comportar maior ou menor sombreamento, dependendo da maneira como o artista enxergava cada uma delas. Tais manifestações críticas, porém, se limitavam aos marcos de suas obras, não encontrando expressão nos contornos do discurso ou da voz.

Para o professor Migliaccio, esse silêncio de Morandi diz muito. “Ele não abdicou da vida pessoal, embora nunca desse abertura para que os outros conhecessem quem ele realmente era. Por outro lado, eu acredito que a biografia dele não tem importância. A vida dele é a arte, a vida dele é a pintura”, ressalta.

Tanta dedicação levou uma ala da crítica cultural fascista, já na década de 1930, a elevá-lo como o maior artista italiano – e o mais italiano de todos os artistas. A leitura de Roberto Longui, grande historiador da arte italiana, não é diferente. Durante palestra realizada na Universidade de Bolonha, em 1934, Longui afirmou que Morandi era “um dos melhores pintores vivos da Itália”.



**Paesaggio, 1962**  
Museo Morandi - Bolonha

Não demorou muito para que as obras do artista cruzassem os oceanos e chegassem aos espaços de arte mais importantes e reconhecidos do mundo, como os de Paris, São Francisco, Londres e Nova York – sem contar as inúmeras exposições realizadas em solo italiano. Porém, apenas as obras viajaram. Morandi deixou a Itália apenas duas vezes, para assistir a exposições na Suíça e na Alemanha.

No Brasil, o artista expôs em três das quatro primeiras Bienais Internacionais realizadas em São Paulo – em 1951, 1953 e 1957. Muitos prêmios e menções honrosas lhe foram concedidos por órgãos e instituições brasileiras. Por aqui, ainda, não surgiram opositores à sua obra, sendo bem aceita desde o início.

Em 2006, aqueles que entraram na Pinacoteca de São Paulo para conferir a exposição de Morandi conseguiram ter uma pequena ideia dessa aceitação. O crítico de arte Renato Miracco e a diretora da Fundação de Estudos da História da Arte Roberto Longui, de Florença, Maria Cristina Bandeira, curadores da exposição, assim apresentaram o artista: “O artista resgata a vida silenciosa da matéria inanimada, transmitindo em cada obra a sensação de que se está diante de algo único e absoluto. Morandi conserva a permanente alusão a uma realidade que está além das aparências. Para ele, o importante é ‘ir até o fim, até o âmago das coisas’”.

Anos antes de expor pela primeira vez no Brasil, na Bienal de 1951, Morandi já era elogiado por aqui. O crítico de arte Mario Pedrosa escreveu, em 1947, para o jornal *Correio da Manhã*: “O êxito de Morandi só agora começa a generalizar-se um pouco por toda parte. Uma arte tão desnuda e severa quanto a dele é das que demoram em se revelar em todo o seu fascínio. Seu triunfo está assegurado, e o nome do artista será guardado, provavelmente, pelos que vierem depois de nós, como um dos poucos e autênticos mestres de nossa época.”

Em 1964, entretanto, vasos, garrafas e jarros emudeceram-se ante a perda do seu mais fiel ouvinte. Morandi morreria, sem, porém, calar o seu legado: a busca por uma realidade além da aparente. Em Bolonha, local onde nasceu e morreu, seu ateliê foi então reconstruído no palácio municipal da cidade. Lá, é possível ver os objetos que cercavam o artista e que fizeram de sua obra uma das mais importantes da Itália e do mundo.